

## **O desalento do Padre Antônio Vieira**

Dismay of Padre Antonio Vieira

*Karen Fernanda da Silva Bortoloti*<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente artigo traz uma leitura do sermônário e das missivas do padre jesuíta Antônio Vieira apontando como essa parte significativa de sua obra refletiu seu desalento com relação ao trabalho catequético realizado pelos homens da Companhia de Jesus com os indígenas brasileiros. Ao fazer uma análise das transformações dos posicionamentos do Padre Antônio Vieira com relação ao indígena e aos rumos que deveriam tomar o trabalho missionário jesuíta no Brasil, oferecemos um apontamento a respeito do desânimo que tomou conta dos textos desse ilustre jesuíta.

**Palavras - chave:** indígenas; catequese; desalento.

**Abstract:** This article presents a reading of sermons' book and the Jesuit priest Antônio Vieiras' missive, pointing on how this significant part of his work reflected his discouragement regarding the catequético work made by the men of *Companhia de Jesus* with indigenous Brazilian. When doing an analysis of the transformations of Priest Antônio Vieira's position concerning the indigenous and the directions that the Jesuit missionary works must have taken in Brazil, we present a note about the discouragement that took over the texts of this illustrious Jesuit.

**Key words:** indigenous; catechesis; discouragement.

Dissertar sobre o jesuíta Antônio Vieira e escapar da caracterização biográfica é tarefa árdua. Homem de atitudes firmes que, mesmo perseguido e impedido de expor suas opiniões, deixou relevante contribuição, a qual nos

---

<sup>1</sup> Doutora em Educação Escolar pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar da Universidade Estadual Paulista (UNESP) – Araraquara. Professora dos cursos de Pedagogia e Letras do Centro Universitário UniSEB – Ribeirão Preto/SP e Coordenadora Pedagógica da EaD do Centro Universitário UniSEB – Ribeirão Preto/SP.

permite compreender como as formas de pensar e as ações de seu grupo se transformaram ao longo de determinado período. Seus escritos são capazes de levar-nos a conhecer um amplo leque de relações sociais vigentes em Portugal e no Brasil. Em síntese, a obra do Padre Antônio Vieira pode ser tida como um ponto de inflexão, não apenas porque suas obras ajudaram a construir muitas das opiniões e experiências de seu grupo, estabelecendo certa uniformidade de crenças e sentimentos, mas também por seu latente envolvimento com os problemas de sua pátria naquele momento.

Assim, para a elaboração do presente artigo, abordaremos o vasto sermônario legado pelo jesuíta e as correspondências trocadas pelo jesuíta. A análise dessas fontes é justificável devido à importância que o próprio jesuíta atribuía aos sermões, ainda, porque neles podemos encontrar as posições de Vieira por quase sete décadas, e nas missivas por podermos analisar o diálogo com os mais diversos interlocutores. A divisão das fontes a serem utilizadas poderia prejudicar o desenvolvimento de nosso trabalho, pois é possível verificar uma relação entre as propostas apresentadas na obra sermônica e outros escritos, como as cartas aqui analisadas.

Com o objetivo de dar mais racionalidade ao trabalho, seguiremos a divisão proposta por José Carlos Sebe Bom Meihy para os textos de Vieira, segundo a qual tais escritos podem ser separados em textos instrumentais, que seriam todos aqueles que abordam assuntos de ordem política, religiosa e cultural, e textos proféticos, como a carta Esperanças de Portugal, enviada ao Bispo do Japão, e a *Clavis Prophetarum*<sup>2</sup>. Para a realização do presente trabalho, optamos pela utilização dos textos chamados instrumentais.

Através de seus textos, não apenas nos compostos para o púlpito, Vieira

---

<sup>2</sup> VIEIRA, A. *Escritos instrumentais sobre os índios*. Ensaio introdutório de J. C. Sebe Bom Meihy. São Paulo: Educ/Loyola/ Giordano,1992, p. XIX.

fazia-se entender por nobres e fidalgos, por colonos e indígenas. Saraiva chama o discurso de Vieira de "engenhoso", por ser capaz de despertar a imaginação e instigar a ação através de seus apelos à inteligência<sup>3</sup>. Como orador, Vieira sabia prender a atenção, agradar à sensibilidade e persuadir à inteligência, além, quando necessário, de contentar a todos os seus ouvintes. Para o jesuíta, o discurso deveria ter conteúdo e transmitir uma mensagem de forma clara, objetiva e, mesmo, persuasiva.

Todavia, apesar da ousadia de seu ímpeto inventivo, Vieira colocou no papel suas reflexões amplamente apoiado nas sagradas escrituras e em autores cristãos e pagãos, filósofos, moralistas, poetas, matemáticos, historiadores ou astrólogos, o que permitiu a construção de uma vasta rede de referências literárias. Extraía desses textos, de maneira surpreendente, tudo aquilo que era pedido pela circunstância e pela causa defendida no momento, transcendendo os ensinamentos doutrinários ao incorporar considerações filosóficas e literárias. Assim, seus escritos podem ser compreendidos como uma mescla de escritos religiosos com textos ditos pagãos, que também faziam parte da formação intelectual dos jesuítas.

Quanto à forma, os textos de Vieira não deixam de ser qualificados como barrocos, uma vez que, além de afinados com a expressão estética do tempo (não fugindo do contraste luz e sombra, por exemplo) são escritos de apelo fácil e de exemplificação elementar às propostas estilísticas. Não falta em seus escritos a brincadeira do equívoco ou trocadilho, tão ao gosto da época. Vieira e sua sociedade compartilhavam o barroco, onde a exaltação e a exuberância estariam em tudo. Características marcadamente barrocas qualificam os escritos de Vieira, em especial a presença abundante das oposições e antíteses, que, segundo Luís Palacin, nos textos vieirianos, nascem justamente da percepção de aspectos

---

<sup>3</sup> SARAIVA, A. J. *O discurso engenhoso*. São Paulo: Perspectiva. 1980, p.122.

contraditórios da realidade do autor<sup>4</sup>. Entretanto, por não deixar de fazer apologia ao homem, mesmo que de maneira crítica, os textos do Padre Antônio Vieira podem, ainda, ser qualificados como humanistas.

Em síntese, desde a redação da Carta Anua, de 1626, até a teorização da profecia do Quinto Império, Vieira revelou grande domínio da palavra, seus textos são simultaneamente didáticos, simples, irônicos e mordazes, dizendo sempre o que é exigido pela circunstância. Seus escritos, tão instigantes, sejam de quaisquer períodos de sua vida, não nos permitem a separação da teoria e da prática. Como destacaria Hernani Cidade, Vieira não fazia dialética pela dialética, em seus discursos tudo era sempre, com singular maestria, bem fundamentado<sup>5</sup>.

### **Os indígenas e o desalento do Padre Antônio Vieira**

Ao contrário da maioria dos padres jesuítas que o antecederam, Antônio Vieira cresceu no Brasil e aqui aderiu à Companhia de Jesus, conhecendo, assim, mais detidamente as características da colônia e de seus habitantes. Entretanto, somente em 1653, após ter trabalhado em várias tarefas internacionais, é que o jesuíta foi missionar junto aos indígenas, que no século XVII não ocupavam os mesmos espaços que no período anterior.

Nos documentos analisados estão nítidas as mudanças de posição quanto ao nativo brasileiro e aos rumos que deveriam ser tomados pelo trabalho dos missionários que o conduziram à fé católica. As posições de Vieira foram claras, na maioria das vezes, na defesa desses homens. Todavia, encontramos uma mudança de posição, principalmente, quando Vieira empenha-se na elaboração de leis para garantir a defesa dos índios e a conseqüente permanência dos

---

<sup>4</sup> PALACIN, L. *Vieira e a visão trágica do barroco*. São Paulo: Hucitec, 1986, p.16.

<sup>5</sup> CIDADE, H. *Padre Antônio Vieira*. Lisboa: Agência Geral das Colônias, 1940, v.1, p.10.

missionários jesuítas, não apenas no Maranhão e Grão-Pará, mas em toda a colônia.

Apesar de tê-los defendido, Vieira não poupou os indígenas brasileiros da qualificação de brutos e vis, adjetivos que estiveram presentes nos escritos e nas ações de seus predecessores. Defendia os nativos porque sua escravidão "solapava a ética missionária"<sup>6</sup>. Contraditoriamente, os jesuítas adotaram posições oscilantes, pois chegaram até mesmo a possuírem escravos nativos e admitirem o cativo em caso de guerra justa, a qual jamais teve seus critérios delimitados claramente. Para Vieira, a guerra justa não deveria ser vista somente como um estratagema dos colonos para garantir maior número de escravos: para o jesuíta, em alguns casos, ela era corretamente aplicada.

O plano de evangelização apresentado em seus textos, ultrapassa o âmbito da catequese dos nativos. Vieira tinha sim, um projeto de ampliação e manutenção do Império Português, ou Quinto Império, como apresentaria em seus textos proféticos. Suas reflexões, dessa maneira, podem ser inseridas em um processo maior de formação de uma grande nação, sob a dominação portuguesa, assistida diretamente pela Companhia de Jesus, cujos membros seriam os grandes expansionistas do Império e da religião católica. Os relatos de Vieira ultrapassam o mero plano da conversão da gentilidade e a justificação da escravidão negra, apresentavam um plano de organização e manutenção do que denominava Império Português. Vieira tinha, portanto, uma clara intenção expansionista, de fortalecimento de uma dinastia e da Companhia de Jesus, sendo seu discurso um discurso da expansão.

Devemos compreender que essa "defesa dos índios", dentro do quadro total das atividades e da teologia dos jesuítas, pretendia, na verdade, a defesa de seu

---

<sup>6</sup> VAINFAS, R. *Ideologia e Escravidão*. Os letrados e a sociedade escravista no Brasil colonial. Petrópolis: Vozes, 1986, p. 84.

espaço de trabalho, de seu campo de atuação, de sua missão. Longe da opressão dos colonos, Vieira tencionava transformar os índios em "gente mais gente", que poderiam somar nos quadros do grande Império em formação. Diante disso, não podemos afirmar que Vieira pode ser qualificado como "Las Casas do Brasil", uma vez que o padre espanhol compreendeu, ao seu modo, a alteridade do indígena e as conseqüentes limitações de seu enquadramento a um projeto civilizador. Para Las Casas, Jesus Cristo era flagelado na pele dos nativos<sup>7</sup>, percepções que não encontramos nos escritos de Antônio Vieira, que englobou o indígena na totalidade do projeto civilizador português, fora do qual, podemos arriscar dizer, o nativo simplesmente não existia.

Vieira, não combatia a escravidão dos nativos simplesmente porque os jesuítas eram emissários do "missionarismo profetizante"; os índios serviriam para ele, como de certa forma também os judeus, para a concretização de seus interesses quanto imperialistas<sup>8</sup>. Vieira almejava, enfim, que o governo dos índios fosse de inteira jurisdição dos jesuítas portugueses, sem nenhuma dependência dos governadores, que tantas vezes os exploravam como quaisquer outros colonos. Advogava a necessidade de tornar a ação religiosa independente do poder civil, para a efetivação do grande Império português.

Comprovando nossa hipótese de que os jesuítas no início do trabalho missionário eram muito otimistas; imediatamente após sua chegada ao Maranhão, Vieira pôs-se em campo para reconhecer as potencialidades dos nativos para receberem a fé católica e mostrou-se bastante otimista com os frutos que seriam conseguidos naquela região. Assim como seus companheiros do século XVI, o padre Antônio Vieira, ao menos de imediato, não deixou de buscar e apresentar os

---

<sup>7</sup> HOORNAERT, E. *A Igreja no Brasil-Colônia (1550-1800)*. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1984, p.43.

<sup>8</sup> ARAÚJO, J. de S. *Profecias morenas: discurso do eu e da pátria em Antônio Vieira*. Salvador: Assembleia Legislativa do Estado da Bahia; Academia de Letras da Bahia, 1999, p. 65.

bons costumes dos indígenas, que poderiam auxiliar a catequização, a ser iniciada imediatamente. Nas passagens a seguir, podemos observar o otimismo de Vieira tanto com a missão do Maranhão, como com seus envolvidos, ou seja, os nativos.

Porém, apesar do otimismo que o animava nesses primeiros momentos de trabalho missionário, o contato de Vieira com uma sociedade que, além de praticar a exploração desmedida dos nativos, era considerada pelos jesuítas desregrada e inundada por vícios e descontroles, gerou os primeiros conflitos entre os jesuítas e colonos. Tais conflitos foram, a partir de então, o mote do discurso do jesuíta, daí saíram todos os assuntos, sobretudo os que conduziram ao desânimo quanto à conversão do índio. Ao chegar ao Maranhão, Vieira deparou-se com um tumulto dos colonos ocasionado por uma ordem régia que libertava os índios escravizados. Para esses, a escravidão do nativo era plenamente justificável, porque, além de não terem recursos para a aquisição de escravos africanos, os índios "mereciam" a submissão por serem irracionais e inconstantes, enfim, verdadeiros bárbaros.

Diante da situação, Vieira não perdeu tempo e no seu primeiro sermão pregado na nova missão do Maranhão, o Sermão da Primeira Dominga da Quaresma, lança seus espinhos contra os colonos que escravizavam desmedidamente os nativos e não desejavam cumprir as leis que controlariam tal exploração.

Nesse primeiro sermão, pregado em São Luís, em 16 de janeiro de 1653, utilizando seu tom persuasivo, o jesuíta intimida os colonos falando da perdição da alma. Nas primeiras palavras proferidas ao vislumbrar o contexto em que teria que trabalhar, Antônio Vieira não se conteve em fazer temer os portugueses a sorte por condenarem à escravidão homens que necessitavam antes conhecer a Deus. Apresentaria nesse sermão, enfim, a primeira tentativa de um convívio harmonioso entre as partes quanto à escravidão indígena. Assim, ao condenar as formas como tratavam os nativos, ameaçando com sua arma mais eficaz, os

discursos, Vieira ganhou a primeira das muitas lutas que travaria contra os colonos e também contra certas autoridades civis. O padre não deixa de expressar, em missiva ao provincial do Brasil, o resultado imediato da pregação do referido sermão, que, digamos, quanto ao qual foi bastante otimista:

Nas cores, que o auditório mudava, bem via eu claramente os afetos que, por meio destas palavras de Deus obrava nos corações de muitos, os quais logo dali saíram persuadidos a se querer salvar, e a aplicar os meios, que para isso forem necessários, a qualquer custo<sup>9</sup>.

A partir da pregação do referido sermão, Vieira se embrenhou por caminhos que o conduziram a constantes embates com os demais componentes da sociedade colonial. Inicia a defesa dos nativos, as críticas à injustiça e às perseguições infundadas sofridas pela Companhia de Jesus.

Apenas a eficiência do trabalho dos missionários da Companhia de Jesus seria capaz de conter os gentios, assim como a exploração que se abatia sobre eles por parte dos colonos, os quais deveriam aceitar os padres e irmãos, além de auxiliar no processo de catequização, do qual também poderiam tirar proveito, uma vez que os nativos protegidos pelos jesuítas não causariam maiores prejuízos à sociedade colonial.

Entretanto, as constantes críticas e denúncias ao cativo injusto dos nativos, somados aos pedidos de auxílio à Coroa, começaram a gerar atritos cada vez mais graves e constantes entre os jesuítas liderados por Antônio Vieira e os colonos, que não respeitavam, ao menos minimamente, as leis enviadas de Portugal. Além do tumulto inicial causado pela não aceitação de uma ordem régia

---

<sup>9</sup> VIEIRA, A. *Cartas do Brasil*. Organização e introdução de João Adolfo Hansen. São Paulo: Hedra, 2003, p.141.

contra o cativo indevido, a primeira divergência entre o jesuíta e os colonos maranhenses foi quanto ao deslocamento dos nativos. Para Vieira, era errado o deslocamento em direção aos povoados portugueses, conforme os governadores e colonos insistiam em fazer, com o propósito de melhor escravizar os nativos. Para a efetivação do trabalho missionário seria preciso, sem dúvida, a proibição das entradas feitas por particulares ao sertão: apenas os religiosos deveriam empreender essas entradas com o objetivo de viabilizar a catequese e evitar a exploração da mão-de-obra. Vieira, assim, manifestou sua opinião contra essa forma de captura de escravos nativos e apresentou leis e normas para tal cativo. Até mesmo a questão da legitimidade dos escravos arrebanhados em entradas anteriores foi motivo de protesto e conseqüente conquista de leis por parte de Vieira, daí os constantes arranhões nas já conturbadas relações com os colonos e autoridades portuguesas.

Com todos os impedimentos encontrados para a rápida efetivação de seu ideal missionário, Vieira dá sinais de desalento e começa a apontar fatores que, segundo ele, impediam o bom andamento da catequização, levando ao insucesso quase total da missão até aquele momento. Esses apontamentos já podem, de certo modo, serem caracterizados pelo desânimo, porque não seria viável à Companhia tornar público o insucesso dentro de uma área em que estava presente desde meados do século XVI. Assim, com o objetivo de solucionar os problemas da cristianização, Vieira busca, de maneira quase desesperada, uma nova forma de governar os nativos, diferente da utilizada até então pelas autoridades civis e que atendesse, simultaneamente, à necessidade de catequização e de proteção dos nativos.

Buscando a solução para o problema das missões, Vieira não deixou, assim como fez Nóbrega e os demais, de utilizar o princípio da violência evangelizadora - sua obra não abandonou o uso de instituições coercitivas ou controladoras, como

as aldeias. O jesuíta comenta abertamente que a redução em um determinado espaço era uma ótima solução para conter o avanço da exploração dos índios pelos colonos. Vieira desejava, em suma, com os aldeamentos, evitar a escravidão em condições ainda piores e a ruína do trabalho missionário pela morte ou fuga dos nativos, que dificultaria em muito a propagação da fé católica pela Companhia de Jesus. Vieira enfatizou a necessidade de defesa da missão nessas áreas, porque foi exatamente nos territórios do Maranhão e Grão Pará que os jesuítas enfrentaram mais dificuldades para estabelecer os “tentáculos” do processo missionário; não apenas em virtude dos impedimentos naturais, como também e, sobretudo, em razão das constantes investidas holandesas e das divergências existentes entre as autoridades coloniais e os membros da Companhia de Jesus. “E porque o estado do Maranhão e Pará foi a parte do Brasil, em que os índios experimentaram maiores violências”<sup>10</sup>.

O deslocamento de povos inteiros para novos espaços, arquitetados de acordo com os interesses dos religiosos, era algo significativo para Vieira, que lançou mão dos métodos convencionais para a organização das aldeias. Os nativos deveriam ser convencidos a se deslocarem para as novas terras; entretanto, para os casos de recusa, outros métodos poderiam ser utilizados. A única diferença em relação aos companheiros do século XVI era quanto à localização, pois uma Carta Régia, datada de 06 de dezembro de 1647, estabelecia que as novas povoações indígenas deveriam ficar em áreas distantes das povoações coloniais, principalmente para afastá-los da exploração desmedida e do mau exemplo dos colonos, tão condenados pelos jesuítas.

A criação de aldeamentos era algo previamente estabelecido, pois os jesuítas, ao reabrirem a missão do Maranhão e Grão Pará em 1652, já admitiam o

---

<sup>10</sup> VIEIRA, A. *Escritos instrumentais sobre os índios*. Ensaio introdutório de J. C. Sebe Bom Meihy. São Paulo: Educ/Loyola/ Giordano,1992, p.04.

governo de aldeias por parte dos religiosos, "para serviço de cada um dos Colégios que se fundassem nessas Capitâneas" <sup>11</sup>. O governo das aldeias (ou missões, pois essas assumiram mais esse caráter ao congregarem índios livres ou "forros"), foi entregue aos padres da Companhia, pela lei de abril de 1655, e foi expressa no Regimento de D. João IV ao Governador André Vidal de Negreiros.

Dessa maneira, o próprio Vieira legislou e organizou os primeiros aldeamentos da região norte do Brasil, que visavam a receber os nativos que seriam "descidos" do sertão. Essa forma organizacional pode ser encontrada na "Visita" feita por Vieira. Dentre seus muitos escritos um, em particular, contém as formas de organização e administração das aldeias. No referido documento, ele especifica como o agrupamento deveria ser organizado, tanto no aspecto temporal, como no espiritual, não deixando de afirmar, em especial, que os índios deveriam viver sujeitos aos religiosos: "Como a experiência tem bem mostrado ser necessário que este gentio viva com sujeição" <sup>12</sup>.

O Padre Antônio Vieira legou-nos outro importante documento elaborado quando fora visitador nas missões do Maranhão e Grão Pará. Nesse, o jesuíta apresenta uma série de informações sobre o funcionamento dos aldeamentos, desde a vida religiosa até a administração temporal dos índios. De acordo com Vieira, a vida religiosa deveria ser guiada pelas constantes orações, valendo esta recomendação também para os padres, que estavam obrigados a praticá-las diariamente, além de dedicarem-se, ao menos uma vez ao ano, aos exercícios espirituais. "Em todas as aldeias das residências teremos casa nossa junto com a igreja, na disposição da qual se fará particular com o recolhimento e decência" <sup>13</sup>. O

---

<sup>11</sup> LEITE, S. *História da Companhia de Jesus no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1949, v.4, p. 99.

<sup>12</sup> VIEIRA, A. *Escritos instrumentais sobre os índios*. Ensaio introdutório de J. C. Sebe Bom Meihy. São Paulo: Educ/Loyola/ Giordano, 1992, p.80.

<sup>13</sup> NEVES, L. F.B. *Vieira e a imaginação social jesuítica*. Maranhão e Grão-Pará no século XVII. Rio de

padre reafirma a necessidade do trabalho entre os indígenas para a manutenção da aldeia e deixa explícito que não deveriam contar com o auxílio real, mas, sim, com os próprios esforços.

Na segunda parte do documento, o padre aponta para a questão da "cura espiritual das almas". Essa parte apresenta um forte fundo pedagógico, pois descreve como deveria ser a doutrina, os horários das atividades espirituais e temporais, e o funcionamento da escola dentro do espaço elaborado pelos jesuítas. Em outra parte do referido texto, o padre visitador trata da administração temporal dos aldeamentos. Vieira afirma que os padres deveriam proceder de modo paternal, não castigando os nativos e, se necessário fosse, não o fazendo pessoalmente. O castigo deveria ser dado por meio dos principais ou ainda por autoridades civis, dependendo da gravidade do caso. Esse principal era um índio escolhido pelos padres entre os mais capazes.

Mesmo pregando a criação de aldeamentos para proteger os nativos das mais variadas formas de repressão impostas pelos colonos portugueses, nos escritos de Vieira também podemos encontrar referências às formas que deveriam ser utilizadas para concretizar os planos elaborados para os indígenas por parte da Companhia de Jesus. Dessa maneira, seu discurso traz modificações quanto aos meios a serem utilizados no processo missionário da Ordem. A defesa do uso da violência e a aceitação de algumas formas de escravidão indígena demonstram que Vieira nem sempre foi favorável aos nativos.

Dessa forma, comprova-se, uma vez mais, a hipótese de que o discurso sofria adaptações de acordo com a compreensão da realidade que desenvolviam os religiosos. Vieira apresenta que a gente, no seu entender, mais feroz, bárbara e violenta, deveria ser cativa, por não deixarem outra saída a não ser a chamada

---

Janeiro: Topbooks, 1997, p.388.

guerra justa. O principal caso reconhecido de escravidão era o que procedesse dessa guerra, que desde o século XVI era travada contra os povos que se recusavam a receber a fé católica. Vieira e seus contemporâneos afirmavam que, além da guerra justa, também poderiam ser escravos os índios que não eram inimigos, mas eram resgatados pelos colonos no momento em que seriam mortos ou devorados por seus inimigos – para que pudessem salvar sua vida e, principalmente, a sua alma. Assim, tanto o "resgate" quanto a guerra justa justificavam a escravidão.

Resolve sua majestade, que no estado do Maranhão se não possam cativar índios, salvo nos quatro casos seguintes: primeiro, em guerra defensiva ou ofensiva que nós dermos aos ditos índios; segundo, se eles impedirem a pregação do sagrado evangelho; terceiro, se estiverem presos à corda para serem comidos; quarto, se forem tomados em guerra justa, que uns tiverem com os outros<sup>14</sup>.

Como frisamos, o discurso de Vieira, contido em suas cartas, sermões e demais escritos, passou por modificações com relação à maneira de pensar o indígena. No entanto, é válido salientar que não foram somente os conflitos com os colonos que provocaram tal mudança e a conseqüente descrença no trabalho missionário a falta de respostas por parte dos índios também contribuiu, e muito, para o desalento, para o desânimo, do padre. A degradação do nativo, aos seus olhos, pode ser observada a partir do Sermão da Epifania, pregado em Lisboa, em janeiro de 1662, logo após sua saída forçada do Maranhão. Vieira não poupou suas “ovelhas” da qualificação de bárbaras, condenando a sua ingratidão e a resistência à religião católica.

---

<sup>14</sup> VIEIRA, A. *Escritos instrumentais sobre os índios*. Ensaio introdutório de J. C. Sebe Bom Meihy. São Paulo: Educ/Loyola/ Giordano,1992, p.07.

As nossas estrellas fazem as suas missões entre as pobreza e desamparos, entre os ascos e as misérias da gente mais inculta, da gente mais pobre, da gente mais vil da gente menos gente de quantos nasceram no mundo. Uma gente com quem metteu tão pouco cabedal a natureza, com quem se empenhou tão pouco a arte e a fortuna, que uma árvore lhe dá o vestido e o sustento, e as armas, e a casa, e a embarcação<sup>15</sup>.

Em outros sermões, como no referido anteriormente, Vieira continuou expondo a degradação dos nativos, fruto direto da não aceitação da fé católica por parte dos indígenas, nos quais havia depositado tanta confiança e trabalho, sem falar dos enfrentamentos com os colonos, que tanto desgastaram as ânsias dos padres e irmãos.

Não há gentios no mundo que menos repugnem à doutrina da fé, e mais facilmente a aceitam e recebam, que os Brazis [...] e não porque os Brazis não creiam com muita facilidade, mas porque essa mesma facilidade com que crêem, faz com que o seu crer em certo modo seja como o não crer. Outros gentios são incrédulos até crer, os Brazis ainda depois de crer são incrédulos [...] é fé, porque crêem sem dúvida, e confessam sem repugnancia tudo o que lhes ensinam; e parece incredulidade, porque com a mesma facilidade com que aprenderam, desaprendem, e com a mesma facilidade com que creram, descrêem<sup>16</sup>.

## **Conclusão**

Diante do exposto, para concluirmos, gostaríamos de destacar que o seu desalento não se refere apenas às dificuldades encontradas para a conversão, mas, sobretudo, aos problemas para estruturar um mundo católico. Em vários momentos, Vieira aparece decepcionado com os homens, e não somente com aqueles encontrados nos sertões brasileiros, mas também com aqueles que viviam

---

<sup>15</sup> VIEIRA, A. *Sermões*. Lisboa: Aillaud e Lellos, 1951 b, v.2, p. 32.

<sup>16</sup> *Idem*, v.5, p. 410.

nas cortes mais refinadas da Europa e, até mesmo, com os que estavam ligados à Igreja, os mesmos que o levaram às celas da Inquisição.

Após a expulsão do Maranhão e a perseguição pelo Santo Ofício, em razão do conteúdo da carta enviada ao Bispo do Japão, onde Vieira fazia uma releitura dos textos proféticos de Bandarra, o padre manifesta amargura e desalento com a humanidade:

Quem está longe do mundo como eu, e com os olhos de tão curta vista, não pode ver muito dele, posto que pela experiência da minha cela não deixo de suspeitar o que o passará pelos corredores; e assim sinto, quanto devo, dizer-me, V. S<sup>a</sup> que todas as cousas do mundo vão a caso, e que nada se obra com fim, nem espiritual, nem político<sup>17</sup>

No célebre sermão da Epifania, já aqui referido, Vieira lançou farpas também aos colonos, que juntamente com a resistência do índio, inviabilizavam o trabalho dos missionários, impedindo que o reino de Portugal cumprisse sua missão de propagação da fé cristã, o que decepcionava o jesuíta e seus companheiros.

E não cuide alguém que estas vozes de tão justo sentimento nascem de estranhar eu, ou me admirar de que os pregadores de Christo e o mesmo Christo seja perseguido; porque esta é a estrella em que o mesmo senhor nasceu<sup>18</sup>.

No Sermão de Santo Antônio, pregado em 1654 no Maranhão, o dito *aos peixes*, em virtude da metáfora empregada para criticar a sociedade, Vieira tece as mais degradantes críticas aos homens que compunham e dirigiam o Maranhão e que atrapalhavam os objetivos da Companhia de Jesus. Nesse sermão, afirma que

---

<sup>17</sup> VIEIRA, A. *Cartas*. Coordenadas e anotadas por João Lúcio de Azevedo. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1926, v. 2, p.88.

<sup>18</sup> Idem, *ibid.*, p.18.

os peixes grandes, como os homens, comem os pequenos. Ao comparar os mesmos homens a corvos, sugere que estes são ainda piores que as referidas aves, pois devoram os que ainda não estão mortos. Podemos compreender essa crítica, portanto, como um desalento para com seus pares, que ao invés de colaborarem para a efetivação da missão dos portugueses, apenas pensavam em seus interesses econômicos e abandonavam a propagação da fé católica.

No sermão *Lágrimas de Heráclito*, proferido por Vieira e defendido em Roma, identificamos um Vieira extremamente triste ao constatar a realidade do mundo que os homens não faziam questão de amenizar, e, pelo contrário, tudo faziam para embrutecer o que já não tinha mais remédio. Acreditamos ser este sermão uma prova bastante palpável de que o jesuíta transitou do ânimo para a desilusão no transcorrer de sua vida missionária.

Confesso, que a primeira propriedade do racional é o risível: e digo, que a maior impropriedade da razão é o riso. O riso é o final do racional, o pranto é o uso da razão. [...] Quem conhece verdadeiramente o mundo, precisamente há-de chorar; e quem ri, ou não chora, não o conhece. Que é esse mundo, senão um mappa universal de misérias, de trabalhos, de perigos, de desgraças, de mortes<sup>19</sup>.

Heraclito chorava com os olhos, Democrito chorava com a bocca; o pranto dos olhos é mais fino, o da bocca é mais mordaz. Heraclito chorava, porque todas lhe pareciam misérias: logo maior razão tinha Heraclito de chorar que Democrito de rir; porque n 'este mundo há muitas misérias que não são ignorancias, e não há ignorancia que não seja miséria<sup>20</sup>.

---

<sup>19</sup>VIEIRA, A. *Cartas*. Coordenadas e anotadas por João Lúcio de Azevedo. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1926, v. 14, p. 434.

<sup>20</sup> Idem, *Ibid.* p.438.

## **Referências**

- ARAÚJO, J. de S. *Profecias morenas: discurso do eu e da pátria em Antônio Vieira*. Salvador: Assembleia Legislativa do Estado da Bahia; Academia de Letras da Bahia, 1999.
- CIDADE, H. *Padre Antônio Vieira*. Lisboa: Agência Geral das Colônias, 1940.
- HOORNAERT, E. **A Igreja no Brasil-Colônia (1550-1800)**. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- LEITE, S. *História da Companhia de Jesus no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1949.
- NEVES, L. F.B. *Vieira e a imaginação social jesuítica. Maranhão e Grão-Pará no século XVII*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1997.
- PALACIN, L. *Vieira e a visão trágica do barroco*. São Paulo: Hucitec, 1986.
- SARAIVA, A. J. *O discurso engenhoso*. São Paulo: Perspectiva. 1980.
- VAINFAS, R. **Ideologia e Escravidão**. Os letrados e a sociedade escravista no Brasil colonial. Petrópolis: Vozes, 1986.
- VIEIRA, A. *Escritos instrumentais sobre os índios*. Ensaio introdutório de J. C. Sebe Bom Meihy. São Paulo: Educ/Loyola/ Giordano, 1992.
- VIEIRA, A. *Cartas do Brasil*. Organização e introdução de João Adolfo Hansen. São Paulo: Hedra, 2003.
- VIEIRA, A. *Sermões*. Lisboa: Aillaud e Lellos, 1951.
- VIEIRA, A. *Cartas*. Coordenadas e anotadas por João Lúcio de Azevedo. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1926.